

**MENINOS
& OUTROS
DEMÔNIOS**



26.2019



2005 - CAPA

PEDRO SALGUEIRO

**MENINOS
& OUTROS
DEMÓNIOS**





Apresentação

É com entusiasmo que se recebe um novo livro desse extraordinário escritor, Pedro Salgueiro. Seus livros são raros, preciosos.

Desta vez, ele retorna com quatro contos que falam da impiedade humana, da incompreensão. Meninos que atentam contra um velho e sua loucura; o desencontro misterioso, quase místico, entre uma mãe e um filho perdido e marcado por algo talvez imaginário, os cabelos azuis; um padre e uma senhora em refrega contra meninos da vizinhança que não respeitam os mais velhos; e um menino que se veste como um espantalho e vai ao encontro de uma misteriosa fatalidade. Os meninos são demonizados por adultos; causam sofrimen-

tos, em sua pureza cruel. Eis a parte da natureza humana que alenta a literatura de Pedro Salgueiro.

E as palavras vêm acompanhadas por delicadas e belíssimas ilustrações de Glauco Sobreira, que com profundidade comentam a alma do livro, lançando mão da mesma frugalidade do texto. Não há cor, não há consistência, tudo é um fugaz e fulminante. Temos, aqui, uma edição valiosa, destinada a jovens e a todos os que amam a literatura e o desenho de alta qualidade.

Ana Miranda

“Infância, era este o nome da criança
Que, hoje, dorme entre os bichos, lá no escuro...”
 (“Ai de Mim!”, António Nobre)







Coronel, coronel...

Repetia ordens inúteis, os vizinhos davam de ouvido e se afastavam sorrindo. O menear de cabeças indicava que há muito tempo não o levavam a sério. Ele não cansava e, de novo, batia continência ao primeiro que passasse na calçada, que logo apressava o passo, balançando a cabeça em desdém.

A filha repetia a quem quisesse ouvir que ele já fora médico famoso, tinha consultório montado na *praça* e era respeitado em *sociedade*. Repentinamente interrompia sua explicação à visita e saía avexada, pois uma algazarra tomava conta da rua.

— Coronel, Coronel... cabeça de pastel!...

Ela perdia a compostura e avançava contra os moleques, que insistiam em insultar o velho; descendo a calçada, ele os enxotava aos gritos, vez por outra apontando uma arma imaginária na direção dos agressores.

Logo que os meninos fugiam, a mais velha das filhas (a única que ainda morava em casa) entrava para dar atenção outra vez à amiga. Então voltava a insistir nas antigas qualidades do pai, segredando que, antes, todos da família frequentavam os clubes de grã-finos, que os filhos nunca haviam repetido uma roupa nas festas sociais... De repente parava, pensativa; minutos depois continuava com a voz embargada e, parecendo sofrer muito,

confidenciava que a desgraça do velho foram as Forças Armadas... se não tivesse ficado tão empolgado com as vantagens dos militares, não teria ido à guerra e, conseqüentemente, não estaria naquela situação, impressionado com o que viu nos campos de batalha.

Lá fora, outro burburinho. O guerreiro antigo recomeçava nova peleja contra os pequenos invasores; mas desta vez ele recuava da sala em direção à cozinha, perseguido pelas pedradas que não lhe davam sossego. Novamente a filha saía em seu socorro e, com um cabo de vassoura nas mãos, afugentava a meninada, que dobrava a esquina aos gritos e ia planejar – embaixo do cajueiro da praça – um novo ataque para dali a pouco.

Sentava com dificuldades o pai na cadeira ao pé da janela, insistindo em explicar-lhe que não reagisse, pois iria dar um jeito naqueles *demônios*; e mal deixava a sala, voltando para a cozinha, já recommençava a conversa, continuando como se a interrupção não tivesse sido importante. A tristeza substituíra a raiva em poucos minutos.

A visitante ouvia de novo a história da mãe que, não suportando a vergonha de ver o marido tresvariar pelas calçadas, fugiu com as duas filhas mais novas e voltou para a casa dos pais, não retornando sequer nos casos de doença do coronel reformado. Jamais interrompia os devaneios da anfitriã, nem mesmo quando ela repetia pela terceira vez seu sofrimento e resignação ao ter de cuidar sozinha dele naquela situação, e